

11-03-2024

A Saúde dos Trabalhadores que toleramos e a convivência nossa do dia a dia

Fatima Sueli Neto Ribeiro

[Professora Associada UERJ. Membro da CISTT/RJ]

A saúde a partir do trabalho, aquela que queremos utopicamente e a que toleramos no dia a dia brasileiro. Elas não são lineares, nem consecutivas. Entendo que podem ser vistas a partir de pelo menos duas dimensões. A dimensão da razão, e expressar a expectativa de que as instituições cumpram suas funções. Que o INSS pague a todos os beneficiários as aposentadorias e as pensões devidas no tempo adequado. Que nenhum trabalhador fique meses/anos esperando por um direito que o Estado omite, dificulta, veta, declina e por fim refuta. Que o Ministério do Trabalho amplie sua atuação ética de tal forma a garantir que nenhum trabalhador seja submetido a condições análogas à escravidão, ou que sejam submetidos a jornadas e condições inóspitas comandadas por um algoritmo. Que a Vigilância atue diuturnamente para promover ambientes de trabalho sem riscos, sem assédios, sem cargas de trabalho, sem opressão, sem violência ou racismos e com condições dignas do exercício humano de trabalhar. Que cada acidente seja considerado uma atrocidade, motivo de indignação coletiva e cobrança imediata de mudanças estruturais. Que cada óbito no trabalho seja tratado como um crime hediondo. Que seja exigida a aplicação devida dos recursos financeiros já existentes e a prestação de contas seja pública e socialmente avaliada. Podemos cogitar uma Saúde do Trabalhador que ultrapasse categorias como área ou campo, e seja incorporada na cultura. Para isso é fundamental que a voz dos trabalhadores seja respeitada, que nenhum gestor/chefe ouse recusar a presença e a posição de um representante do movimento social. Que as universidades ensinem que o saber científico é apenas um tipo de saber e que o saber empírico da experiência humana é único, ímpar e fundamental para qualquer perspectiva de avaliação da saúde. Mas existe outra dimensão fundamental, em que o desejo de uma sociedade e de um mundo melhor exista a partir das atividades humanas. Esse território onírico, utópico vai além das instituições estabelecidas pelo modelo capitalista de exploração do corpo, da alma e dos desejos humanos.

É nessa dimensão que o trabalho deve ser medido pela felicidade que produz e não pelos riscos, pelos acidentes e pelos adoecidos. O trabalho deve fazer parte da dimensão criativa, do desejo de se expressar e da valorização dos talentos individuais.

Nesta dimensão não há instituições que legitimem as doenças porque a palavra do trabalhador é o próprio diagnóstico, não há possibilidade de exploração porque a mais valia não é extraída, nem cogitada porque a remuneração é mais do que suficiente para as necessidades básicas do prazer, da vida e do amor. O meio ambiente é o espaço sagrado de vida e não pode ser maculado, menos ainda poluído. Num modelo que uniria o ecossocialismo e o bem viver ao respeito às diferenças e subjetividades, o divino estará em cada um, pois todos os seres são sagrados para a manutenção da vida na terra. A riqueza ou PIB será medido por pessoas felizes, pela redução progressiva e acelerada dos racismos, das opressões e dos desatinos dos governantes. A Saúde do Trabalhador não é um fim em si mesma. Como componente indelével da vida exige que condições individuais, grupais e estruturais a proteja e a promova. Assim, não se reduz a indicadores de morbimortalidade, nem níveis salariais diversos. A saúde precisa ser coletiva e incluir as condições ambientais de vida no planeta. O trabalho como uma função socio-físico-cultural-emocional e espiritual precisa ser lapidado e respeitado a partir dos desejos e das habilidades de cada um para o contexto social que se aplica. A violação da integridade do corpo ou da mente e de sua finitude não podem ter probabilidades aceitas no processo de trabalho. Mas não é isso que os aparelhos do Estado fazem? Sejam eles no legislativo, no executivo ou no judiciário? Qualquer limite tolerável é aceitar que a vida para ser sustentada deve ser paga com a própria vida no trabalho. E que algumas pessoas são dignas de um modelo de vida melhor, mais saudável e mais feliz do que outras. Em que momento começamos a naturalizar isso? Como permitimos que o capitalismo nos convença que alguns devem morrer após 5 ou 10 anos de trabalho pelas péssimas condições a que são submetidos ou pelo esforço físico sobre humano (*burnout, karoshi*) para que outros vivam saudáveis?

Quando vamos parar de contabilizar numa obra a indenização dos óbitos previstos? Ou a computar no valor das passagens a indenização para os trabalhadores que vão perder partes dos corpos no decorrer da viagem? Em que momento da história naturalizamos que nas joias que ostentamos exista sangue, que a roupa tenha sido produzida pelo sofrimento infantil e as bebidas por pessoas escravizadas? Assim, a Saúde dos Trabalhadores que eu quero e utopizo (transformando a utopia em um verbo) é tudo isso e não pode ser no singular. Pois se não voltarmos a nos indignar e continuar tolerando que o trabalho de uma pessoa se dê às custas da exploração por/para trabalhar, estamos sendo todos, no mínimo, coniventes. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.